www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):
Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)
Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1
Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2
Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3
Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

> **Mapeando e indagando sobre saberes insubmissos no campo da música: reflexões sobre a música sertaneja e a música de banda sinaloense**
> **Autoria:** Matheus Gonçalves França (UFG - Universidade Federal de Goiás)
> Essa proposta surge a partir de inquietações provocadas por work etnográfico desenvolvido em dois contextos musicais: a música sertaneja (em Goiânia, Brasil) e a música de banda ou tambora sinaloense (em Oaxaca, México). A trajetória de ambos estilos musicais é relativamente semelhante: surgem em comunidades rurais no interior de estados com grande população campesina (São Paulo, Minas Gerais e Goiás no caso da música sertaneja e Sinaloa no caso da banda sinaloense), em meados dos anos 1920; nas décadas de 1980 e 1990, passam por um paulatino aumento no processo de popularização, comercialização e urbanização de seu público ouvinte e do conteúdo das canções, tornando-se, no contexto dos dois países, os estilos musicais mais escutados. A tambora sinaloense é património intangible no estado de Sinaloa, sendo um estilo musical que, segundo os sujeitos com quem dialoguei em Oaxaca, contribuiria para uma certa

 ISBN: 978-65-87289-08-3

?unificação identitária? da mexicanidade. Igualmente, há discursos no universo da música sertaneja que a encaram como um ?patrimônio da cultura brasileira, sobretudo da goiana?, em um contexto de disputas por autenticidade a respeito de a música sertaneja produzida atualmente poder ser ou não considerada ?legítima?. Por fim, nos dois casos há ênfase em performances (tanto de artistas quanto do público consumidor) que reforçam códigos de masculinidade hegemônica e heteronormativos, reforçados por uma estética majoritariamente branca, presente especialmente nos produtos audiovisuais (videoclipes), mas também no cotidiano dos espaços de sociabilidade, onde conduzi parte significativa do work de campo. O objetivo dessa proposta, portanto, será refletir sobre performances menos ou mais insubmissas no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade interseccionadas com classe e raça, principalmente, no universo desses dois estilos musicais. O ?feminejo? (música sertaneja cantada por mulheres) e, mais recentemente, o ?queernejo? (que poderia ser traduzido aproximadamente como um sertanejo cantado por pessoas LGBT) vêm tensionando e desafiando as narrativas e estéticas hegemônicas da música sertaneja. No caso da tambora sinaloense, a figura polêmica de Jenni Rivera e as memórias comigo compartilhadas por uma interlocutora de Oaxaca sobre as Reinas Oaxaqueñas, uma das únicas bandas sinaloenses femininas de relativa expressão regional no México, por exemplo, podem ser instigantes para refletir sobre negociações e processos de empoderamento em contextos de difícil acesso e permanência de sujeitos subalternizados. Assim, a dimensão performativa de ambos estilos musicais pode ser uma via possível para compreender processos de negociação, permanências e rupturas com estruturas hegemônicas que se manifestam em formas expressivas.

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**